



HAL
open science

Regime narrativo : uma aliança entre fenomenologia et biografia

Hervé Breton

► **To cite this version:**

Hervé Breton. Regime narrativo : uma aliança entre fenomenologia et biografia. PUC Minas Editor. Tecnologia e processos de subjectivação, PUC Minas Editor, pp.50-65, 2023, 078-65-88547-38-0. ⟨hal-03987036⟩

HAL Id: hal-03987036

<https://hal.science/hal-03987036v1>

Submitted on 22 Apr 2023

HAL is a multi-disciplinary open access archive for the deposit and dissemination of scientific research documents, whether they are published or not. The documents may come from teaching and research institutions in France or abroad, or from public or private research centers.

L'archive ouverte pluridisciplinaire **HAL**, est destinée au dépôt et à la diffusion de documents scientifiques de niveau recherche, publiés ou non, émanant des établissements d'enseignement et de recherche français ou étrangers, des laboratoires publics ou privés.



Copyright - All rights reserved

<https://cv.archives-ouvertes.fr/herve-breton>

[PREPRINT] BRETON, H. (2023). Regime narrativo : uma aliança entre fenomenologia et biografia (50-65). Marcia Stengel, Luciana Kind, Hélio Cardoso de Miranda junior. Tecnologia e processos de subjectivação. Editora PUC Minas, Belo Horizonte, Brazil.

1
2
3
4
5

Hervé Breton
herve.breton@univ-tours.fr
<https://orcid.org/0000-0003-3536-566X>
Université de Tours, EA7505, France

6 **Regime narrativo: uma aliança entre fenomenologia descritiva e biografia**

7 *Hervé Breton*
8 *Tradução: Thais Miranda e Luciana Kind*
9

10 **Introdução**

11 A investigação narrativa, pode ser, e na maioria das vezes é compreendida como uma busca
12 que se refere a uma epistemologia da singularidade. Ao prestar atenção na história de vida e nas
13 experiências vividas dos seres humanos, de fato, as narrativas contribuem na compreensão, dos
14 pontos de vista subjetivos, no processo de autodesenvolvimento e na constituição de
15 conhecimento a partir da experiência. Entretanto, assim como Pineau (2012) sugeriu, é possível
16 considerar a singularidade de cada história e a subjetividade como contendo/contida pelo
17 coletivo social, bem como pela vida biológica: essa ecologia é ponto central para a proposta de
18 Pineau, sua teoria tripolar inspirada nos três mestres de Rousseau e no trabalho de Bachelard
19 sobre a imaginação e matéria. Isso conduziu Pineau a coordenar a produção de quatro
20 coletâneas dedicadas à formação humana em contato com os quatro elementos: terra, água, ar
21 e fogo. Além disso, parte de seu trabalho em “ecoformação”, é marcado pelo conceito de
22 transação formativa, o que implica na conscientização sobre a relação mantida com o meio,
23 sendo esta relação estabelecida na dialética entre o hábito das relações de exploração e aquelas
24 que se referem à conscientização de um mundo e ecossistema reflexivo.

25 Neste capítulo, vou abordar as dimensões ecológicas da vida humana e as aprendizagens que
26 podem ser apreendidas comparando e combinando diferentes regimes narrativos,
27 nomeadamente analisando a minha própria experiência e epistemologia acerca das narrativas,
28 tempo, e a constituição da identidade e pensamento de um pesquisador. Proponho um diálogo
29 entre diferentes perspectivas que, se consideradas de forma conjunta, podem enriquecer a nossa
30 visão acerca das narrativas e biografias. Para tanto, refiro-me principalmente ao universo
31 francófono e à longa tradição das histórias de vida (*histoires de vie*), que é uma forma de
32 abordar histórias de vida na educação e aprendizagem de adultos, a partir do desenvolvimento
33 de configurações para a autonarração. Isso aproxima os pesquisadores de biografias franceses
34 – e talvez os do Sul da Europa – do campo da intervenção, se comparados com outras tradições
35 de investigação no Norte da Europa. Nessa abordagem, não há separação rígida entre pesquisa

BRETON, H. (2023). Regime narrativo : uma aliança entre fenomenologia et biografia (50-65). Marcia Stengel, Luciana Kind, Hélio Cardoso de Miranda junior. Tecnologia e processos de subjectivação. Editora PUC Minas, Belo Horizonte, Brazil.

36 e educação, e nenhuma reivindicação de objetividade ou distanciamento por parte do
37 pesquisador, mas um desejo de celebrar a complexidade e a relação nas vidas humanas e na
38 aprendizagem. Assim, o aprendiz é, certamente, um pesquisador de seu ou sua própria vida e,
39 de forma recíproca, o pesquisador é um aprendiz.

40

41

42 Na tradição francófona das histórias de vida, o relato biográfico é amplamente usado para
43 planejar sessões de grupo de história de vida, nas quais as narrativas permitem apreender os
44 determinantes sociais, culturais e históricos das vivências e aprendizados individuais. Ainda
45 assim, essa abordagem narrativa parece deixar de lado aspectos fundamentais para a
46 experiência, sobretudo, com relação à experiência corporal,¹⁷ que faz com que seja possível
47 apreender o mundo a partir da percepção, em contato direto com o mundo material, as
48 impressões e as “atmosferas”. Compreender experiências incorporadas a partir de palavras e
49 da linguagem pode ser difícil, caracterizando assim, um desafio para o pesquisador de
50 biografias. A reciprocidade ecológica – tanto física quanto fenomenológica – entre a vida
51 humana e o ambiente físico (animado e inanimado) cai na esfera do sensível. Para ser
52 apreendido e recuperado do esquecimento, o sensível requer a descrição minuciosa de
53 percepções, impressões e inferências produzidas no sujeito a partir da situação vivenciada. A
54 fenomenologia descritiva (ou microfenomenologia quando visa a nomeação da experiência
55 sensorial), é uma forma de traduzir os processos de *affordance* e enação na linguagem.

56 Com efeito, seja a partir do conceito de enação cunhado por Varela (2017), que postula a
57 coemergência do mundo em relação à dinâmica da percepção do sujeito, ou a partir do conceito
58 de *affordance*¹⁸ (Gibson, 1979), que está relacionado às potencialidades percebidas no
59 ambiente elo indivíduo (humano ou animal) que orienta suas ações, é possível encontrar o que
60 Chalmers (1995) chamou de “o problema difícil da experiência”: o que é dado para viver no
61 meio é percebido a partir do modo da obviedade, enquanto os processos de doação, que
62 importam tanto para o sensível quanto para o incorporado (Merleau-Ponty, 1976), continuam
63 sem ser notados.

64 Baseado nessas considerações, eu proponho o exame da complementaridade – e talvez do
65 diálogo produtivo – desses dois “regimes narrativos” – a descrição da experiência vivida e a
66 narração da história de vida – e a contribuição específica de ambos, na compreensão das
67 dimensões ecológicas, sociais e históricas da vida humana. A primeira, encoraja o uso das
68 palavras para a descrição de experiências encarnadas (Merleau-Ponty, 1976), e traz para a
69 palavra as experiências primárias da existência, ou seja, a espera da vida sensitiva baseada nas
70 percepções e sensações que emergem nas relações corpo-matéria. A segunda forma de narrativa
71 é derivada da hermenêutica e da biografia (Ricoeur, 1986; Pineau e Le grand, 2013), promove
72 o sentido no entrelace de condições históricas, interações sociais e o processo de aprendizado
73 experiencial.

BRETON, H. (2023). Regime narrativo : uma aliança entre fenomenologia et biografia (50-65). Marcia Stengel, Luciana Kind, Hélio Cardoso de Miranda junior. Tecnologia e processos de subjetivação. Editora PUC Minas, Belo Horizonte, Brazil.

74 **Os regimes narrativos: fenomenologia descritiva e narração Biográfica**

75 Cada experiência contada em uma história de vida pode ser apreendida como uma unidade
76 temporal, um fragmento mais ou menos extenso da história de vida da pessoa. A dimensão
77 temporal é crucial na experiência humana, correlacionada ao processo narrativo e necessária
78 para a investigação de diferentes aspectos da experiência cotidiana. Em seu livro sobre a relação
79 constitutiva entre tempo e narrativa, Ricoeur (1986) considera a reciprocidade entre diferentes
80 formas de temporalização da experiência e os processos narrativos correspondentes. A teoria
81 criada por Ricoeur, é apresentada a seguir: a narração da experiência vivida pressupõe o
82 estabelecimento da estrutura temporal baseada no princípio da sucessão. Esse princípio ordena
83 os fatos experienciados no tempo e prefigura as conexões de causalidade, cuja função é associar
84 os fatos entre si para fundamentar a história e configurar a narrativa de si. Isso sustenta a
85 afirmação de Ricoeur (1983: 85) de que a atividade narrativa transforma o episódico em uma
86 lógica.

87 Ele assume a existência de diferentes “regimes narrativos”, baseados no princípio da
88 codeterminação entre a duração da experiência vivida como apreendida durante a atividade
89 narrativa e o processo usado na composição da narrativa. A maior diferença entre esses regimes
90 é a duração da experiência capturada pela atividade narrativa. Na realidade, a investigação
91 narrativa da vida sensível privilegia a descrição em detrimento da experiência: o narrador
92 selecionar um breve momento para examinar cada detalhe. Por outro lado, o relato biográfico,
93 é caracterizado pela longa duração da experiência capturada pela atividade narrativa.

94 A teoria de Ricoeur, entretanto, é objeto da acalorada discussão, especialmente em estudos de
95 narratologia (Adam, 2012), em que a descrição é usualmente considerada como uma suspensão
96 da duração. Se isso pode valer para a descrição de um objeto, parece-me problemático quando
97 se trata de descrever a experiência vivida, que aparece como “naturalmente” ocorrendo ao longo
98 do tempo, ainda que com diferentes graus de granulação.

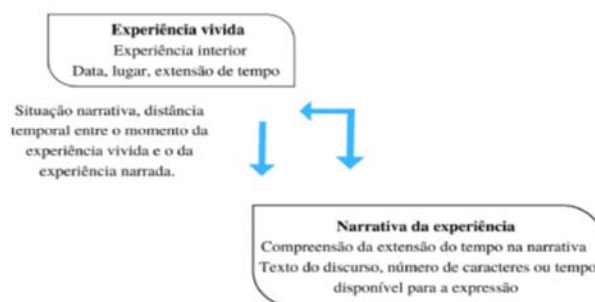
99 Se uma relação pode ser estabelecida entre o tempo vivido e o tempo narrado, um terceiro fator
100 precisa ser levado em consideração: o tempo de dizer. Considerá-lo faz com que seja possível
101 definir e interrogar a noção da “velocidade do texto narrativo”, enquanto produtora de efeitos
102 que podem ser distinguidos conforme a experiência é descrita em detalhes (por exemplo, a partir
103 da escolha de um breve momento da vida) ou narrada “em bloco” (por exemplo, o período de
104 10 anos da vida).

105 O diagrama da Figura 1 distingue a experiência “vivida” e a “narrada”, apresentando a tensão
106 dialética entre a duração e as formas narrativas.

107

BRETON, H. (2023). Regime narrativo : uma aliança entre fenomenologia et biografia (50-65). Marcia Stengel, Luciana Kind, Hélio Cardoso de Miranda junior. Tecnologia e processos de subjectivação. Editora PUC Minas, Belo Horizonte, Brazil.

Figura 1: Tempo vivido e tempo contado durante a atividade de auto narração.



108
109
110
111

Essa relação gera efeitos no que diz respeito aos detalhes na formulação de alguns aspectos da experiência, daí a própria possibilidade de contar. A variação da relação entre “tempo vivido” e “tempo contado” pode explicar tais efeitos. Nas seções seguintes, considerarei como a ênfase em experiências de curta duração, durante a atividade narrativa, leva à microfenomenologia descritiva, que faz com que seja possível explorar dimensões corporificadas da existência, enquanto o entendimento de um maior período de tempo nos direciona para narrativas biográficas, destacando assim, dimensões sociais e históricas da vida.

119 **A ecologia do mundo sensível e a encarnação do mundo vivido**

120 *Enquanto trabalho no meu computador, sentado no meu café favorito pela manhã, uma*
121 *situação vem à minha mente, me lembra de um outro café, seis meses atrás. São dez horas*
122 *da manhã, eu estou em Nova Iorque e o espaço vasto e iluminado no qual estou sentado*
123 *ressoa movimentos e discussões ao meu redor. Meu espaço de trabalho é muito estreito, e*
124 *mal consigo encontrar uma sala para o meu computador, na mesma mesa onde três*
125 *empresários estão discutindo em voz alta. Começo a tomar meu café, que é terrivelmente*
126 *fraco. O café de Nova Iorque... Me faz lembrar de outros cafés, bebidos em uma viagem*
127 *anterior ao Quebec... Gradualmente, meus pensamentos se reúnem e se orientam para o*
128 *texto que estou escrevendo sobre “regimes narrativos”. Agora, os ruídos estão*
129 *desaparecendo ao meu redor. Até mesmo o café começa a ficar mais gostoso, e sinto sua*
130 *necessidade, como combustível para a atividade que está prestes a começar. Agora, me*
131 *sinto compelido a escrever... e aqui estou eu, em estado de absorção...*

132 A primeira pessoa da descrição microfenomenológica (Depraz, 2013) focada em um breve
133 momento (ou instante) da vida, assim como na história mencionada acima, fornece acesso e
134 expressão aos aspectos sensitivos e experienciais da vivência, e também, aos “estratos

BRETON, H. (2023). Regime narrativo : uma aliança entre fenomenologia et biografia (50-65). Marcia Stengel, Luciana Kind, Hélio Cardoso de Miranda junior. Tecnologia e processos de subjetivação. Editora PUC Minas, Belo Horizonte, Brazil.

135 sensoriais da experiência” (Petitmengin, 2010:168). A atenção aos detalhes (qualidade) oferece
136 uma oportunidade específica de aprendizado, que está ligada ao sentimento e compreensão das
137 qualidades sensitivas da experiência vivida específica, pela apreensão da atmosfera, a escuta do
138 corpo vivido e expressando a estrutura da percepção. Essas dimensões sensitivas da experiência
139 se manifestam na forma de apresentação: “Em vez de dizer que temos a experiência das
140 representações, seria melhor dizer que nossas experiências são apresentacionais e que
141 apresentam o mundo como tendo certas características” (Zahavi, 2015: 91). Em outras palavras,
142 o sensorial é a forma pela qual “o mundo da vida” é dado à consciência e, por extensão, a forma
143 como vivemos e habitamos o mundo. Antes de ser representado ou imaginável, o mundo é
144 experienciado.

145 Essa “primeira e imediata” dimensão da experiência tem efeito sobre a sobreposição dos
146 modelos de relações ecológicas que governam a nossa interação com o meio. Nós nos
147 esquecemos que nossa percepção, é advinda da interação (enação). Portanto, o reconhecimento
148 das dimensões ecológicas da existência demanda que nos tornemos atentos ao que constitui a
149 parte mais próxima e óbvia da experiência: nossas sensações na relação com os objetos e mundo
150 material, percepção de atmosferas, *affordances* (Gibson, 1979), e o processo de enação (Varela
151 *et al.*, 1993). Para acessar essas dimensões sensitivas da experiência e ser capaz de “traduzi-
152 las” em palavras, nós usamos uma forma narrativa específica, que se direciona para formas
153 detalhadas de exploração. O narrador presta atenção em breves detalhes da experiência vivida,
154 e procede a partir do exame cuidadoso de cada estrato.

155 Na realidade, a descrição microfenomenológica pode distinguir e colocar em palavras diferentes
156 estratos da experiência sensível, a saber:

- 157 ▪ estrato da *affordance*: a ação aqui é descrita a partir do ponto de vista ecológico,
158 lançando luz à interação e reciprocidade do narrador com o que é percebido na situação;
- 159 ▪ estrato físico da percepção: aqui, palavras tentam explicar sensações advindas do corpo
160 em contato com objetos, coisas ou seres vivos: tensão, relaxamento, agitação, textura de
161 materiais, cheiro de lugares, sons de vozes... A atenção do narrador é focada na esfera
162 proprioceptiva.
163

164 A identificação desses estratos pode ser de grande ajuda para evidenciar de que forma é possível
165 traduzir para a linguagem, aspectos da experiência que não são apreendidos pelo discurso ou
166 raciocínio. A história que usei para abrir a seção ilustra essa esfera. Eu contei a respeito de um
167 momento específico (um instante) em minha história, que ressoou com uma outra contada por
168 Jean-François Billeter (2012), que propôs a descrição microfenomenológica dessas atmosferas
169 experienciadas em lugares públicos, como cafés, que aparecem para inspirar a reflexão. Billeter
170 dedicou seu trabalho, publicado em 2012 e intitulado de “O Paradigma”, ao estudo do processo
171 de incorporar gestos em situações, sejam eles físicos ou psicológicos. A partir da descrição
172 fenomenológica de momentos e da narração autobiográfica de trajetos de sua vida, é permitido

BRETON, H. (2023). Regime narrativo : uma aliança entre fenomenologia et biografia (50-65). Marcia Stengel, Luciana Kind, Hélio Cardoso de Miranda junior. Tecnologia e processos de subjectivação. Editora PUC Minas, Belo Horizonte, Brazil.

173 aos leitores apreender o caráter temporal dos processos de aprendizagem e das formas de
174 participação advindas do ambiente no desenvolvimento do agenciamento do indivíduo.

175 O pequeno texto que narrei, escrito em primeira pessoa, foi pensado para capturar e apresentar
176 diferentes aspectos da minha experiência corporificada no café: percepção sensorial, atmosfera
177 e a dinâmica do lugar. A atenção do narrador está focada tanto nas dimensões qualitativas da
178 experiência quanto nos efeitos recíprocos da atividade de escrever e pensar: os ruídos de fundo
179 desaparecem, absorção na atividade de escrever, o gosto e o sentido do café parecem mudar...
180 Em outro nível, os efeitos da composição podem ser examinados, os quais, para além de cada
181 um dos aspectos identificados, contribuem como um todo para a constituição de um ambiente
182 (*Umwelt*) que produz as condições propícias à reflexão e ao pensamento. Esses dados são
183 revelados através da mobilização de formas narrativas específicas, que priorizam descrições
184 fenomenológicas, usando o tempo presente (que é o tempo da experiência vivida). O processo
185 implica em uma desaceleração extrema da velocidade de narrativa, e abre acesso para diferentes
186 aspectos (estratos) e modos de experiência para a atividade narrativa.

187 **Histórias de vida como regime narrativo na andragogia e na aprendizagem** 188 **ao longo da vida**

189 *Comecei a me interessar pelos efeitos da compressão e dilatação do tempo em uma atividade*
190 *narrativa durante o meu mestrado na Universidade de Tours em 1997. Nesse período, eu*
191 *experienciei a “entrevista explicativa” de Pierre Vermersch, e também em aulas práticas com*
192 *Alex Lainé, usando histórias de vida. Foi então minha primeira experiência de prática de*
193 *contação de histórias de vida em um coletivo de adultos na universidade. Eu tinha 25 anos de*
194 *idade: descobri uma diversidade infinita de formas pelas quais histórias de vida podem existir.*
195 *Depois, eu passei quinze anos realizando pesquisas em duas perspectivas diferentes: de um lado,*
196 *microfenomenologia, em uma abordagem de pesquisa de um seminário liderado por Claire*
197 *Petitmengin, Natalie Depraz e Michel Bitbol; e, do outro lado, “as histórias de vida na*
198 *educação”, a partir do meu doutorado orientado por Gaston Pineau. Isso foi o que me guiou na*
199 *busca da união de duas correntes de narração: narrativa biográfica, que abrange a experiência*
200 *com base no significado e duração; e a microfenomenologia descritiva, que explora a experiência*
201 *com base em seus componentes perceptivos e sensitivos. Essa pesquisa tem refletido em diversas*
202 *publicações, gradualmente, tornando-se o tema central do meu trabalho.*

203 A exploração detalhada também deve ocorrer em narrativas biográficas, assim como pode ser
204 percebido no texto de 196 palavras acima. Se a descrição das dimensões experienciais e
205 sensíveis implicam em uma “extensão” e “diminuição de ritmo” do tempo narrativo, tendo em
206 vista a alocação das palavras no estrato sensitivo, a investigação biográfica procede em sentido
207 contrário: comprime a experiência para que assim seja possível conter múltiplos eventos e
208 esferas da vida adulta (família, vida social, profissional...) em um só texto. Em outras palavras,

BRETON, H. (2023). Regime narrativo : uma aliança entre fenomenologia et biografia (50-65). Marcia Stengel, Luciana Kind, Hélio Cardoso de Miranda junior. Tecnologia e processos de subjectivação. Editora PUC Minas, Belo Horizonte, Brazil.

209 enquanto a descrição chama a atenção para momentos específicos na história, a narrativa
210 biográfica apreende períodos inteiros da vida ou fases que podem durar muitos anos.

211 Se a investigação microfenomenológica tenta apreender as dimensões ecológicas e
212 corporificadas da existência, a investigação biográfica revela suas dimensões sociais e
213 históricas. Não se trata de uma diferença de objetos ou conteúdos: em vez disso, é importante
214 pontuar que a principal diferença entre os dois regimes narrativos é a forma como capturam a
215 experiência pela atividade narrativa. Entretanto, eles podem aliar-se e criar um texto mais
216 complexo. Nessa perspectiva, o que Genette (1972) chama de “pausa” em seu estudo da
217 literatura de Proust pode ser vinculado à atividade de descrição fenomenológica.

218

219 *Para ilustrar esse processo, o tempo narrado deve ter seu ritmodesacelerado ao extremo*
220 *para que assim seja possível criar a possibilidade de intensificação do nível de detalhes*
221 *da descrição, criando a possibilidade de colocar em palavras microprocessos, revelando*
222 *as formas dos ajustes pré-reflexivos entre meus modos de ação e o ambiente vivido. Sendo*
223 *assim, se eu voltar ao momento em que estou no café em Nova Iorque, eu posso retornar*
224 *minha atenção ao instante em que, no primeiro gole de café, eu percebo o gosto singular*
225 *daquele café que me molda de leve, quase líquido demais. Muitas direções foram abertas*
226 *por mim: descrever a “textura” do líquido; descrever o gosto e a intensidade percebidos*
227 *de forma atenuada; caracterizar a temperatura de quando o verti em minha boca... No*
228 *entanto, entre todos esses aspectos da experiência vivida, uma dimensão se destaca,*
229 *tendo em vista a minha intenção: a de demonstrar que o café participa da constituição*
230 *dos meus objetos de pensamento. Sou então, levado a examinar o efeito produzido pelo*
231 *café na minha progressiva imersão na atividade de escrever. Observo então um fenômeno*
232 *que parece quase paradoxal para mim: enquanto sinto fisicamente uma espécie de*
233 *despertar, uma intensificação do voluntário, ao mesmo tempo, sinto-me entregando a*
234 *mim mesmo na escrita. O teclado do computador atrai os meus dedos, o processo de*
235 *absorção começa.*

236 A passagem anterior pode ser considerada como uma pausa na história. A velocidade do tempo
237 narrado diminuiu até o ponto em que durou poucos segundos, o tempo que foi preciso para que
238 o primeiro gole de café fosse dado no momento narrado em Nova Iorque. Baudouin (2010)
239 mostrou essa dinâmica no seu trabalho a respeito dos “régimes cinéticos” dos textos. Em seu
240 exame sobre as dimensões configuradas das narrativas autobiográficas – o que Ricoeur (1983)
241 chamou de “o enquadramento da trama” – Baudouin chama atenção para as variações dos
242 regimes cinéticos da narrativa, que podem ser ricas e diversificadas. Um primeiro modelo
243 desses regimes cinéticos foi formalizado e está apresentado na Figura 2.

244

BRETON, H. (2023). Regime narrativo : uma aliança entre fenomenologia et biografia (50-65). Marcia Stengel, Luciana Kind, Hélio Cardoso de Miranda junior. Tecnologia e processos de subjectivação. Editora PUC Minas, Belo Horizonte, Brazil.

Figura 2: Processo narrativo e variações cinéticas em histórias de vida narradas (Baudouin, 2010: 419).

| | | |
|--------|---------------|-----------------------------------|
| Pausa | Ação suspensa | Fator importante de desaceleração |
| Cena | Ação narrada | Fator de desaceleração |
| Resumo | Ação resumida | Fator de aceleração resumido |
| Elipse | Ação omitida | Fator importante de aceleração |

245

246

247

Esse modelo distingue quatro maneiras de composição de uma narrativa de história de vida:

248

249

- a “pausa”, que produz descontinuidade no desenvolvimento da história, possibilitando assim, a descrição da experiência, seus estratos e aspectos;
- a “cena”, que prossegue para uma descrição detalhada, preservando a dinâmica do desenvolvimento temporal; assim, enquanto a “pausa” indica um momento de interrupção do fluxo temporal no texto, a “cena” contém uma dinâmica de expansão temporal (ou mesmo dilatação);
- “resumo”, que realiza uma aceleração (portanto, compressão do tempo) na narrativa;
- a “elipse”, que é um “tempo escondido” dentro da narrativa da vida; ela representa o máximo de compressão do tempo no texto.

250

251

252

253

254

255

256

257

258

259

A história que abriu esta seção ilustra esse modelo, a partir da apresentação de uma parte da minha vida usando variações cinéticas. Essa segunda parte da experiência mantém o foco no processo de constituição de ideias e ensamentos, então, aproxima o “mesmo objeto” da primeira narrativa, entretanto, adota uma perspectiva biográfica. Sendo assim, ao contrário do fragmento no café de Nova Iorque, no qual a proposta era ilustrar os efeitos da descrição microfenomenológica, dado o enfoque nas dimensões sensíveis da situação, essa parte biográfica promove a continuidade cronológica e lógica no processo de desenvolvimento da escolha de tópicos e métodos em relacionamentos significativos (mentores) e contextos acadêmicos.

260

261

262

263

264

265

266

267

268

A minha narrativa autobiográfica de 196 palavras comprime a duração de 20 anos de experiência vivida, sintetizando e agregando muitos momentos (resumidos), que mereciam ser narrados, ou mesmo descritos em detalhes, a fim de clarear a relação entre esses momentos e os sentidos que moldam a história. O nível de detalhes, nesse caso, também é reduzido, o que dificulta radicalmente a compreensão da dinâmica que contribuiu para a emergência e constituição de um objeto de pesquisa que se tornou um projeto de pesquisa de longo prazo. No entanto, os poucos dados descobertos podem ser caracterizados da seguinte forma:

269

270

271

272

273

274

275

- uma narrativa de continuidade e uma duração associada;

276

- a identificação de “mecanismos de formação”;

BRETON, H. (2023). Regime narrativo : uma aliança entre fenomenologia et biografia (50-65). Marcia Stengel, Luciana Kind, Hélio Cardoso de Miranda junior. Tecnologia e processos de subjetivação. Editora PUC Minas, Belo Horizonte, Brazil.

- 277 ▪ a designação de pessoas experientes e autores referência;
- 278 ▪ uma biografia de escritos e artigos de pesquisa que contribuam para a construção da
- 279 identidade do pesquisador?

280 A narrativa biográfica, até mesmo quando extremamente comprimida, revela as esferas
281 singulares, coletivas e sociais da existência. Em outras palavras, colocar a singularidade das
282 histórias em palavras torna possível manifestar tanto a dimensão antropológica quanto a
283 ecológica da existência humana e diferentes formas de aprender com ela (Dominicé, 2000;
284 Formenti e West, 2018).

285 **Considerações finais: conectando descrição e narrativa na educação de** 286 **adultos e na pesquisa em ciências sociais**

287 À primeira vista, a descrição fenomenológica e a narrativa biográfica parecem muito similares
288 no processo de “tradução” da experiência vivida em palavras e na configuração destas em uma
289 narrativa. Na verdade, o processo é diferente: a fim de acessar um ponto específico no fluxo de
290 tempo da minha vida, eu preciso me fazer disponível para a emergência de uma memória,
291 enquanto, por outro lado, se eu quero entender um fenômeno experienciado no tempo, devo
292 retornar ao ponto inicial e então ajustar a sequência de palavras para que reflita sua evolução.
293 O desafio da narrativa é, portanto, modificado: durante a atividade de descrição
294 fenomenológica, o narrador é confrontado com a questão de relevância e granulação, que diz
295 respeito ao nível de detalhamento necessário na descrição de um fenômeno. Essa intensificação
296 no nível de detalhes produz uma desaceleração no texto, e dá acesso a esferas do sensível. Ao
297 contrário, no que diz respeito à narrativa autobiográfica, o narrador deve deliberar sobre a
298 relevância dos momentos apreendidos em relação ao todo e ao ritmo que sua ordenação
299 temporal produz no enquadramento narrativo da história.

300 Entretanto, o que parece fazer sentido, e para trazer as narrativas para um nível mais profundo
301 de entendimento, é geralmente uma mistura ou uma oscilação entre a experiência
302 (corporificada, autêntica) e a configuração de toda a narrativa (significativa, coerente,
303 contínua). Isso pode gerar, a longo prazo, uma dupla perspectiva e uma composição de
304 diferentes níveis de experiência, produzindo o efeito de autoentendimento no contexto, e a
305 consciência da relação entre a própria vida e as esferas sociais, coletivas e ecológicas dos
306 mundos vividos.

307 Isso é o que eu tenho procurado mostrar propondo duas histórias minhas, contando sobre a
308 minha experiência, e focando no tema comum – a alternância entre a emergência de ideias e
309 sua inclusão em objetos de pesquisa compartilhados em coletivos e redes acadêmicos – e
310 diferenciando/compondo dois modos diferentes de investigação narrativa (regimes narrativos):
311 o primeiro baseado na descrição fenomenológica; o segundo na narrativa biográfica. A
312 investigação via descrição faz com que seja possível explorar a contribuição das interações –

BRETON, H. (2023). Regime narrativo : uma aliança entre fenomenologia et biografia (50-65). Marcia Stengel, Luciana Kind, Hélio Cardoso de Miranda junior. Tecnologia e processos de subjectivação. Editora PUC Minas, Belo Horizonte, Brazil.

313 com o ambiente físico, natural, social, e com as atmosferas e lugares – ao capturar um instante,
314 um momento particular e explorá-lo a partir da dinâmica ativa e sensível. Essa perspectiva
315 oferece formas inovadoras na compreensão da contribuição dos ambientes naturais, lugares, e
316 até da comida e da experiência do corpo na construção da identidade, do pensamento e do
317 trabalho científico de um pesquisador (Lawrence e Shapin, 1992). A investigação a partir das
318 narrativas biográficas abre outras perspectivas: a partir de uma compreensão do desdobramento
319 dos processos de constituição do pensamento ao longo da vida, ao identificar momentos
320 significativos, ao trazer à tona os processos de continuidade pelo poder configurativo da
321 narrativa (Collinot, 2012).

322 No nível epistemológico, os efeitos poderosos da oscilação entre dois regimes narrativos trazem
323 luz ao processo de (auto)entendimento, formação e pesquisa nas ciências sociais. Podemos
324 imaginar que é um passo importante na definição de uma epistemologia narrativa ecológica. A
325 pesquisa sobre contação de histórias (*storytelling*) é um eixo importante da Sociedade Europeia
326 de Pesquisa na Educação de Adultos (European Society for Research of Education of Adultos,
327 ESREA), como mostra a recente publicação do livro intitulado *Discourses we live by: Personal
328 and Professional Narratives of Education and Social Practices*, organizado por Hazel Wright
329 and Marianne Hoyen, que traz muitos textos apresentados na 25ª conferência da rede de
330 pesquisas História de Vida e Biografia (Life History and Biography Network, LHBN),
331 vinculada à ESREA. A oportunidade de pensar em estilos narrativos que exploram as dimensões
332 pré-reflexivas e sensíveis que conectam a pessoa ao mundo abre perspectivas promissoras de
333 investigação, situadas na interface das ciências da educação, hermenêutica e fenomenologia
334 experiencial para a pesquisa na educação de adultos.

335 **References**

- 336 Adam, J-M. (2012). *Les textes : types et prototypes*. Armand Colin.
337 Baudouin, J-M. (2010). *De l'épreuve autobiographique*. Peter Lang.
338 Billeter, J-F. (2012). *Un paradigme*. Allia.
339 Chalmers, D. (1995). Facing up to the problem of consciousness. *Journal of Consciousness Studies*, 2/3,
340 200–219.
341 Collinot, A. (2012). Entre vie et oeuvres scientifiques: Le chaînon manquant. *Critique*, 2012, 2012, 6/7,
342 781–782. <https://doi.org/10.3917/criti.781.0576>
343 Depraz, N. (2013). D'une science descriptive de l'expérience en première personne : pour une
344 phénoménologie expérientielle. *Studia Phaenomenologica*, 13(1), 387–402.
345 <https://doi.org/10.7761/SP.13.387>
346 Dominicé, P. (2000). *Learning from our lives. Using educational biographies with adults*. Jossey-Bass.
347 Formenti, L., & West, L. (2018). Transforming perspectives in lifelong learning and Adult Education:
348 A dialogue. Palgrave Macmillan.
349 Gibson, J. (1979). The ecological approach to visual perception. Houghton Mifflin.

BRETON, H. (2023). Regime narrativo : uma aliança entre fenomenologia et biografia (50-65). Marcia Stengel, Luciana Kind, Hélio Cardoso de Miranda junior. Tecnologia e processos de subjetivação. Editora PUC Minas, Belo Horizonte, Brazil.

- 350 Genette, G. (1972). *Figures III*. Seuil.
- 351 Lainé, A. (2004). *Faire de sa vie une histoire*. Desclée de Brouwer.
- 352 Lawrence, C., & Shapin, S. (2012). *Science incarnate. historical embodiments of natural knowledge*.
353 The University of Chicago Press.
- 354 Merleau-Ponty, M. (1976). *Phénoménologie de la perception*. Gallimard.
- 355 Petitmengin, C. (2006) Describing one's subjective experience in the second person, an interview
356 method for the Science of Consciousness. *Phenomenology and the Cognitive Sciences*, 5, 229–269.
357 <https://doi.org/10.1007/s11097-006-9022-2>
- 358 Petitmengin, C. (2010). La dynamique pré-réfléchie de l'expérience vécue. *Alter*, 18, 165–182.
359 <https://doi.org/10.4000/alter.1668>
- 360 Pineau G., & Marie-Michèle. (1983/2020). *Produire sa vie : autoformation et autobiographie*. Téraèdre.
- 361 Pineau, G., & Legrand, J-L. (2019). *Les histoires de vie*. Presses Universitaires de France.
- 362 Ricœur, P. (1983). *Temps et récit. 1. L'intrigue et le récit historique*. Seuil.
- 363 Ricœur, P. (1986). *Du texte à l'action*. Seuil.
- 364 Vermersch, P. (2012). *Explicitation et phénoménologie*. Presses Universitaires de France.
- 365 Varela, F., Thompson, E., & Rosch, E. (1993). *L'inscription corporelle de l'esprit*. Seuil.
- 366 Varela, F. (1976-2001/2017). *Le cercle créateur*. Seuil.
- 367 Zahavi, D. (2015). Intentionnalité et phénoménalité. Un regard phénoménologique sur le problème
368 difficile. *Philosophie*, 124, 80–104. <https://doi.org/10.3917/philo.124.0080>

369 **Abstract**

370 The wholeness of a narrative can be thought of from different parameters. One of them use to be
371 underestimated or absent in biographical narratives: it is the ecological sphere from which the narrator
372 experiences the “physical world”. Integrating the dimensions of the sensitive life into the practices of
373 self-telling requires a combination of different narrative regimes. The processes of this form of inquiry
374 are the subject of the study proposed in this chapter.

375 **Keywords**

376 Biography – Ecoformation – Narrative regime – Microphenomenology